



DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS ALMANAQUES POPULARES: ALMANAK LITTERARIO E ESTATISTICO DO RIO GRANDE DO SUL E ALMANACH POPULAR BRAZILEIRO

Linara Bessega Segalin¹

Introdução

O presente artigo se propõe a desvelar alguns discursos e representações de gênero elaboradas por dois almanaques, *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul* e *Almanach Popular Brasileiro* que estiveram em circulação no Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do século XX.

O almanaque alcança sua maior popularidade entre fins do século XIX e meados do século XX, acompanhando o florescimento da imprensa e da indústria editorial. A característica desse gênero de publicação é o seu caráter coletivo. Suas páginas compreendem artigos informativos, narrativas, ensaios, documentos históricos ou poemas o que os tornam uma riquíssima fonte de pesquisa, na área cultural e social, por nos dar a conhecer em suas páginas expressões da vida em sociedade. De acordo com Ferreira, no Brasil, podemos falar inclusive do aspecto civilizador dos almanaques.

O almanaque comporta e nos traz sempre a idéia de modernidade. (...) Por um lado a fragmentação e por outro a memória reativada. A concepção de almanaque cobre e recupera práticas e saberes dos mais antigos aos mais imediatos. (...) No caso do Brasil, pode-se mesmo falar no aspecto civilizador dos almanaques, do que representam chegando aos mais distantes sertões, aos povoados mais afastados, e mesmo nas cidades, numa integração de domínios rurais e urbanos, transitando entre classes sociais, exercendo a aproximação afetiva de repertórios: (2001, p. 20)

Ao longo da análise dos almanaques *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul*² e *Almanach Popular Brasileiro*, constatamos diversas passagens, sob diferentes formas e momentos das publicações, que sinalizam discursos e representações de gênero.

Conforme assinala Silva (2007), para Foucault a sociedade disciplinar, atravessada por relações institucionais, seria marcada como uma pulverização das relações disciplinares, sendo essas relações desencadeadas, cotidianamente, a partir de diferentes posicionamentos dos sujeitos em face às suas necessidades.

¹ Graduada em História pela UCS e Mestranda em História Social pela UFRGS.



O discurso, tido como uma prática social, que deve ser analisada a partir de suas condições histórico-sociais, é considerado por Foucault, como uma das estratégias de reprodução e legitimação do poder. Foucault (2002) assinala que, em todas as sociedades, a produção dos discursos é regulada, selecionada e distribuída, potencializando o poder regulador das palavras. O discurso inclui e exclui de acordo com interesses dominantes

Considerando os discursos como produções sociais datadas e como meio privilegiado para a reprodução e legitimação do poder, é necessário que se faça um apanhado do contexto histórico-social em que se inserem os discursos veiculados pelos almanaques.

Condições sócio-históricas das construções discursivas

Segundo Sevcenko (1998), a virada, do século XIX para o século XX, inaugurou um tempo mais acelerado, um tempo em que se inovam os materiais energéticos e tecnológicos e por isso o Brasil vê-se na necessidade de ajustar seus ponteiros ao relógio global, buscando a vitória do progresso. Desta forma, o Brasil estava disposto a desenvolver uma modernização a “qualquer custo”. No entanto, a ideia era promover uma “modernidade conservadora”, manter a ordem para instaurar o progresso.

O ritmo das mudanças se faz sentir em todas as esferas da experiência social, mudando não só a tecnologia, mas também hábitos, comportamentos e ideias. O comportamento das mulheres também passava por mudanças. Mas quais eram as concepções de feminilidade elaboradas pela ordem hegemônica masculina? Qual era o lugar das mulheres dentro dos parâmetros de uma modernização conservadora? De acordo com Malf e Mott:

O ritmo das mudanças ocorridas, considerada por muitos alarmantes, veio acompanhada de uma certa ansiedade por parte dos segmentos mais conservadores da sociedade, já tomados pelas vertigens das grandes transformações que o país vinha vivendo, sobretudo a partir do último quartel do século XIX. [...] Conjugaram-se esforços para disciplinar toda e qualquer iniciativa que pudesse ser interpretada como ameaçadora à ordem familiar, tida como o mais importante “suporte do Estado” e a única instituição social capaz de represar as intimidadoras vagas da “modernidade”. (1998, pp. 369, 371, 372)

Ainda, segundo as autoras, esse foi o pensamento de:

[...] uma época intranquila e por isso ágil na construção e difusão das representações do comportamento feminino ideal, que limitaram seu horizonte ao “recôndito do lar” e reduziram ao máximo suas atividades e aspirações, até encaixá-las no papel de “rainha do lar”, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa. (MALF, MOTT, 1998, pp. 373)

Para a análise dos discursos de gênero presentes nos almanaques que nos servem de fontes é importante que se estabeleçam as particularidades do contexto histórico-ideológico do Estado do Rio Grande do Sul, marcado fortemente pela moral positivista de August Comte.



No Rio Grande do Sul, após meados do século XIX, o positivismo começa a se constituir como a ideologia do poder dominante. O positivismo de Comte proporcionava os elementos necessários para a política do Partido Republicano Rio-grandense, que preconizava a eficiência e a moralidade do Estado. Segundo Ismério (1995), a conduta moral das mulheres foi ditada por Comte através dos modelos “Rainha do Lar e Anjo Tutelar”. Esses modelos foram amplamente divulgados com vistas a sua consolidação na sociedade. Seguem algumas premissas morais que norteavam o pensamento positivista.

Para os positivistas, o casamento era muito mais que um espaço onde o casal mantinha uma sexualidade saudável, com vistas à reprodução. O casamento, assim como o lar, era considerado o alicerce da organização social e controlador da submissão das mulheres. A partir destas determinações, as mulheres ficavam restritas ao espaço privado do lar, dedicando-se as suas funções de “Rainha do Lar” e “Anjo Tutelar”, ou seja, cuidar das obrigações da casa, zelar pelas necessidades do marido e pela educação dos filhos. Enquanto as mulheres ficavam restritas ao lar, os homens deveriam trabalhar para sustentar a família.

O discurso contra o trabalho feminino era enfatizado devido ao caráter negativo em que consistia as mulheres desviarem-se de suas funções do lar, pois seriam as guardiãs da moral e dos bons costumes e, por isso, deveriam manter-se longe das fábricas. Para assegurar o controle sobre as mulheres, o positivismo as considerou como inferiores aos homens no que diz respeito à inteligência e ao raciocínio, contudo elevava-as ao pedestal destacando a superioridade pelo sentimento.

A educação da mulher, portanto, era voltada para a aprendizagem das prendas domésticas, mas apesar de exercerem suas tarefas domésticas, cabia às mães zelarem pela educação dos filhos, preparando as meninas para serem futuras mães e donas de casa e os meninos para serem os grandes homens da nação.

Essas especificações ficam claramente expressas nos discursos analisados nos almanaques, como uma tentativa discursiva de enquadrar as mulheres gaúchas dentro dos parâmetros da modernidade conservadora. Os sinais da modernidade se faziam sentir e a necessidade de enquadrar as mulheres dentro dessas novas aspirações parece ser algo imprescindível. Assim, dentro da diversidade de assuntos tratados pelos almanaques, notamos um grande número de páginas dedicadas a tratar desse tema, o que assinala a importância de organizar um discurso disciplinador sobre os papéis de gênero aceitos na sociedade da época.



No entanto, se não é possível deixar de examinar a existência de discursos que visavam enquadrar a mulher dentro dos parâmetros da modernidade conservadora, também não é possível deixar de supor que existiam resistências.

Segundo Foucault (2005, pp.91-92), onde há poder, há resistência. As relações de poder não existem sem uma multiplicidade de resistências, que representam o papel de adversário, de alvo, de apoio. As resistências também são distribuídas de forma irregular, podem ser espontâneas, solitárias, arrastadas, planejadas, violentas. Não podem ser vistas como um subproduto das relações de poder inscrevem-se nessas relações como o interlocutor irreduzível.

É mais comum serem pontos de resistências móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recordando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis. (Foucault, 2005, p.92)

Dentro dos almanaques é possível encontrar tanto a escrita dos seus organizadores e autores, quanto a escrita de leitores e leitoras, o que nos possibilita verificar quais as posturas eram adotadas por ambos os grupos. Cartas enviadas por leitores contestam papéis de gênero predeterminados, reivindicam posições na sociedade. A própria existência de textos, constantemente desqualificando comportamentos, atitudes e conquistas das mulheres supõem que as “regras” não estavam sendo cumpridas, que os corpos e mentes estavam transgredindo a ordem apresentada pelos discursos e que, portanto, os discursos deveriam ser mais enfáticos no sentido de alertar para o descumprimento das funções e da necessidade de conter tais comportamentos.

Análise dos discursos

Segundo Rachel Soieith (2004) a emancipação feminina representava uma grave ameaça à ordem estabelecida e o pensamento machista encontrava legitimidade até no pensamento científico da época. A filosofia considerava a inferioridade da razão das mulheres incontestável, cabendo a elas apenas a tarefa de cuidar dos filhos e obedecer ao marido. Já a medicina afirmava que a fragilidade, o recato, as relações afetivas, bem como o instinto maternal eram biologicamente naturais ao sexo feminino. Desta forma, os recursos irônicos e de comédia representaram importantes instrumentos para desmoralizar a luta pela emancipação feminina e reforçar o mito da inferioridade e passividade da mulher.

Os discursos identificando a figura feminina ao diabo são recorrentes nos textos analisados. A passagem a seguir encontrada no Almanach Popular Brasileiro de 1904 versa sobre o trabalho da criação da mulher pelo diabo. O homem teria sido criado por Deus e por isso seria belo e sublime e, ao contrário, a mulher com sua volúpia e gozo teria sido criada pelo diabo. A alerta era, então,



quanto ao esplendor satânico da mulher e as suas atitudes formosas que mascarariam a malícia de seu criador.

O Trabalho do Diabo

(...) Deus fez o homem, emfim, bello e sublime Escravo da razão...
Bravo! Urrou Satan - Bravo! E' mister
que eu faça agora igual... E por seu turno, bravo
Deus exclamou: Satã tinha feito a mulher! (...)
E Deus, estupefacto frente à formosura
Da mulher e ante seu satânico esplendor,
Disse: Has de sempre e em tudo, extranha creatura,
Revelar na malícia a unha do teu auctor!
Raymundo Côrrea³

Também são recorrentes discursos que desqualificam as mulheres, seja pelo quesito inteligência, seja por suas atitudes tidas como mesquinhas e fúteis. Na passagem retirada do Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para o ano de 1895 verificamos a forma como as mulheres eram estereotipadas como sendo tagarelas, teimosas, vingativas e também como eram vistas como ignorantes.

AS MULHERES

Querei fazer prevalecer uma opinião? Dirigi-vos ás mulheres. Ellas recebel-a-ão de bom grado, porque são ignorantes; espalhal-a-ão promptamente, porque são tagarellas; sustental-a-ão, porque são teimosas. Diz um velho ditado normando: Nunca houve no mundo senão duas mulheres verdadeiramente boas: a primeira perdeu-se; a segunda está por encontrar. As mulheres, quando não podem vingar-se, fazem como as crianças, choram. – Mme. De Stael. A língua da mulher é uma espada que ella nunca deixa enferrujar. - Mme. Necker.
(S. Leopoldo – Rio Grande do Sul)⁴

Novamente no Almanach Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para o ano 1894, observamos a compilação de diversas frases de pensadores que desqualificam a mulheres e atentam para o perigo que se apresenta, se estas não foram controladas moralmente. Os pensamentos apresentam uma imagem das mulheres como sendo maldosas e ao mesmo tempo ingênuas demais, como sendo serpentes venenosas e por isso anjos do diabo, como sendo mentirosas e tagarelas e por isso povoadoras do inferno, como sendo invejosas, principalmente com relação a outras mulheres, enlouquecedora e infiel.

³ Almanach Popular Brasileiro, 1904, p.220-221.

⁴ Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul, 1895, p.147



AS MULHERES

Como li no *Almanak* de 1893 um elogio ás mulheres, por um collaborador do mesmo, entendi também de mandar o que li num livrinho.

Uma mulher sempre é um anjo, mas só depois do diabo a levar. (Houssaye)

A desgraça do homem remonta ao nascimento da mulher. (Milton)

As mulheres mentem com tanta graça que nada lhes vae tão bem como a mentira. (Byron)

O inferno não é povoado senão por língua de mulheres. (Guyon)

Entre mil homens, achei um bom; entre todas as mulheres nenhuma. (Salomão)

As mulheres são sempre boas, mas no anno que vem. (Proverbio)

O diabo dorme mais perto da minha mulher do que eu próprio. (Luthero)

A mulher é um diabo muito aperfeiçoado. (Victor Hugo)

Diderot (S.Paulo)⁵

Já o texto que segue, retirado *Almanak Litterario e Estatístico* de 1895, apresenta-se como uma resposta ao texto do Sr. Diderot presente na edição de 1894, do mesmo almanaque. A leitora Andradina de Oliveira retruca os comentários de Diderot que desqualificam as mulheres. Andradina afirma que os homens só tecem esse tipo de comentário porque desconhecem as relações afetivas entre mães e filhos. Isso demonstra também como os discursos sobre o amor maternal encontravam-se incorporados por grande parte das mulheres.

AS MULHERES

Ao Sr, Diderot (S.Paulo)

Li os *bonitos pensamentos* que, com o título acima, lembrou-se o Sr. De adornar o *Almanak* de 94 e extranhei que não tivesse reunido áquelles mais este do illustre critico francez:

As mulheres são bellas como os serafins de Klopstock, porem terríveis como os demônios de Milton.

Mas tanto o Diderot do seculo passado como o Diderot do seculo dezenove não se animaram de molhar a penna para *dizer mal* das mulheres, se, no momento em que o fossem fazer, vissem brotar de um seio de mãe uma perola que uma boquinha, como um pequenino cofre de coral, esperasse sequiosa. D. Andradina de Oliveira (Pelotas)⁶

O casamento era estimulado pela sociedade, pois era considerado o alicerce da organização social e o controlador da submissão da mulher. Desta forma, as mulheres que, por ventura, não casassem não eram vistas com bons olhos pela sociedade, pois estas não estariam exercendo suas funções sociais.

Na passagem que segue, extraída do *Almanak Litterario e Estatístico* do Rio grande do Sul para o ano de 1897, notamos que o autor não mede esforços para declarar seu desprezo pelas mulheres solteiras. O grupo das solteironas, segundo o autor, era formado for moças que teriam passado do terrível cabo dos trinta anos de idade, que ou eram feias, ou eram pobres ou não se atreveram a reagir contra a vontade dos pais. Eram as “mal amadas”, carrancudas, velhas com as quais os homens não gostariam de casar.

⁵ *Almanak Litterario e Estatístico* do Rio Grande do Sul, 1894, p.186.

⁶ *Almanak Litterario e Estatístico* do Rio Grande do Sul, 1895, p.210.



SOLTEIRONAS

Vou occupar aqui de um assumpto que não será muito do gosto das leitoras, e, principalmente daquellas que já dobraram o terrível cabo dos trinta, sem achar marido que lhes convenha, segundo dizem em confidencia umas ás outras.

Desculpem-nos, pois, se, no decurso destas linhas, depararem alguma pimenta de envolta com um punhado de verdades. Mas tenham paciência! Foi o ponto que tirei, á sorte, da minha cornucopia de insignificancias.

Attendite et audite.

Qual de vós, mancebos, homens feitos e velhos respeitaveis, a quem as cans, a-experiencia do mundo e uma conducta regular dão direito a todas as considerações sociaes; qual de vós, traquejados ou ignorantes nesta vida de continuas oscilações, de rapidos prazeres, de crudelissimas dores e de perennes desenganos mas sempre vã, sempre illusória, sempre mentida, não tem ouvido falar da celebre e universal família das *tias sem sobrinhos*, isto é, daquellas nobres matronas condemnadas a levar palma e capella para a eternidade e a quem nós chamaremos as velhas solteironas? Todos, não ha duvida.

Composta na sua maior parte de donzellas maiores de quarenta annos, deixarem estas de tomar o sétimo sacramento da igreja por uma das tres razões seguintes: _ Ou eram pobres, ou eram feias, ou não se atreveram a reagir contra a vontade de paes casmurros. [...] Os moços não querem casar-se com velhas, no que fazem muito bem; os velhos não estão para aturar noivas da sua idade, no que procedem ainda melhor.

E sempre illudidas, mas esperançadas, sempre vaidosas, mas feridas no seu orgulho, sempre ridículas e tolas, mas julgando-se muito assisadas não querem estas heroínas de comedia convencer-se de que hão de morrer *tias*.

Tias! Que horror! [...] Francelio Marques (Vassouras – Rio de Janeiro)⁷

A passagem a seguir, extraída do Almanak Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul de 1901, apresenta sinais de resistências aos papéis de gênero impostos às mulheres gaúchas da época e aponta mudanças nos comportamentos e atitudes femininas.

A MULHER

A' D. Julieta de Mello Monteiro

Dizia-se até hoje que a mulher era apenas sentimento; caçoula de alabastro incensando os altares do Oriente; perfume adormecido no seio virgem das flores, e que a um sopro da criação veio humectar de risos a primeira aurora da vida; que era um absurdo ver amante de Romeu racionar com Voltaire, e Alexandre de Macedonia ter a delicadeza de Corday; entretanto é muito certo que já não se considera como um consorcio hybridado na alma da mulher a concorrência dessas duas faculdades; a sensibilidade e a razão podem exercer um influxo simultaneo no organismo feminino, que só parecia destinar-se ao amor. Os bancos acadêmicos já sentem o alvorecer de suas glorias no roçar das gazes que os frequentam; a imprensa tem apontado no seculo de hoje talentos invejáveis que apparecem divinizados pelo applauso publico.

(Pedro Antonio de Miranda (Pelotas)⁸

Considerações Finais

Apresentamos aqui uma pequena amostragem dos discursos que se encontram nas páginas dos almanaques analisados. A pesquisa ainda encontra-se em andamento, portanto existem diversas lacunas a serem desveladas com relação às fontes, aos autores dos textos, ao público a que se destinavam, ao contexto específico em que circulavam.

No entanto percebemos que os discursos tentam difundir valores, comportamentos, atitudes que pretendem dar a orientação para o que eles consideravam o papel adequado para a mulher

⁷ Almanak Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul, 1897, p.161-167.

⁸ Almanak Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul, 1901, p.161.



gaúcha inserida num contexto de modernidade na virada do século XIX para o século XX. Como já mencionamos anteriormente, é impressionante o número de páginas que trazem em seu corpo, discursos e representações de gênero.

A forte presença do ideário positivista também revela as particularidades dessas produções discursivas. De acordo com o pensamento positivista, que durante a Primeira República foi a base ideológica do partido situacionista do Estado Rio Grande do Sul, o Partido Republicano Rio-Grandense, a moral era tida como um importante suporte do Estado. Segundo Grantham, a moral possui um caráter coercitivo e busca manter a estabilidade das ordem social.

A moral, assim, possui um caráter coercitivo, pois estabelece padrões e busca a estabilidade das relações sociais, na medida em que abafa o desejo dos indivíduos de se insurgirem contra a ordem. Ela expressa a tentativa de manter o mesmo, o desejável, e conter o diferente, o indesejável. (1999, p.219)

Pudemos, até o momento, analisar também como os almanaques se mostram fecundos instrumentos para a análise das resistências aos papéis de gênero veiculados pelos discursos, aceitos e difundidos na sociedade da época.

Bibliografia

CORREIA, J. David Pinto; GUERREIRO, Manuel Viegas. Almanques ou a Sabedoria e as Tarefas do Tempo. *Revista ICALP*, vol.6, Agosto/ Dezembro de 1986, p.43-52. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bdc/revistas/revistaicalp/almanques.pdf>>. Acesso em: 26 de junho de 2010..

GRANTHAM, Marlei R. A moral e a ordem do repetível. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Lenadro, (orgs). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999, p.219.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYRER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p.20.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade*, Vol. 1. A vontade de saber, 16ed. Rio de Janeiro, Graal, 2005.

_____, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2002.

ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher: a moral e o imaginário: 1889-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (Coleção história; 7).

MALF, Marina; MOTT, Maria Lucia. *Recônditos do Mundo Feminino*. In: NOVAES, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 369, 371, 372

MEYRER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.



PINTO, Céli Regina Jardim. *Positivismo: um projeto político alternativo* (RS: 1889-1930). Porto Alegre: L&PM, 1986, p.15.

SEVCENKO. Nicolau. O prelúdio Republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAES. Fernando; SEVCENKO. Nicolau. (org). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das letras, 1998, p.7-8. (volume 3).

SILVA; José Cláudio Sooma. Foucault e as relações de poder: O cotidiano da sociedade disciplinar tomado como uma categoria histórica. *Revista Aulas - Dossiê Foucault* N. 3 – dezembro 2006/março 2007 Organização: Margareth Rago & Adilton Luís Martins, p.19. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/17.pdf> Acesso em: 10 de outubro de 2009.

SOIHET, Rachel. Pisando no “sexo frágil”. *Nossa História*. Diadema, SP, ano 1, n.3, p.14-20, janeiro de 2004

Fontes:

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. **Almanak Litterario e Estatístico da Provincia do Rio Grande do Sul**. Pelotas, RS: Typographia da Livraria Americana, 1889-1917. Anual.

ALMANACH POPULAR BRAZILEIRO. Pelotas, RS: Livraria Universal, 1894-1908. Anual.